

13

XXVIII
-3-3

27394

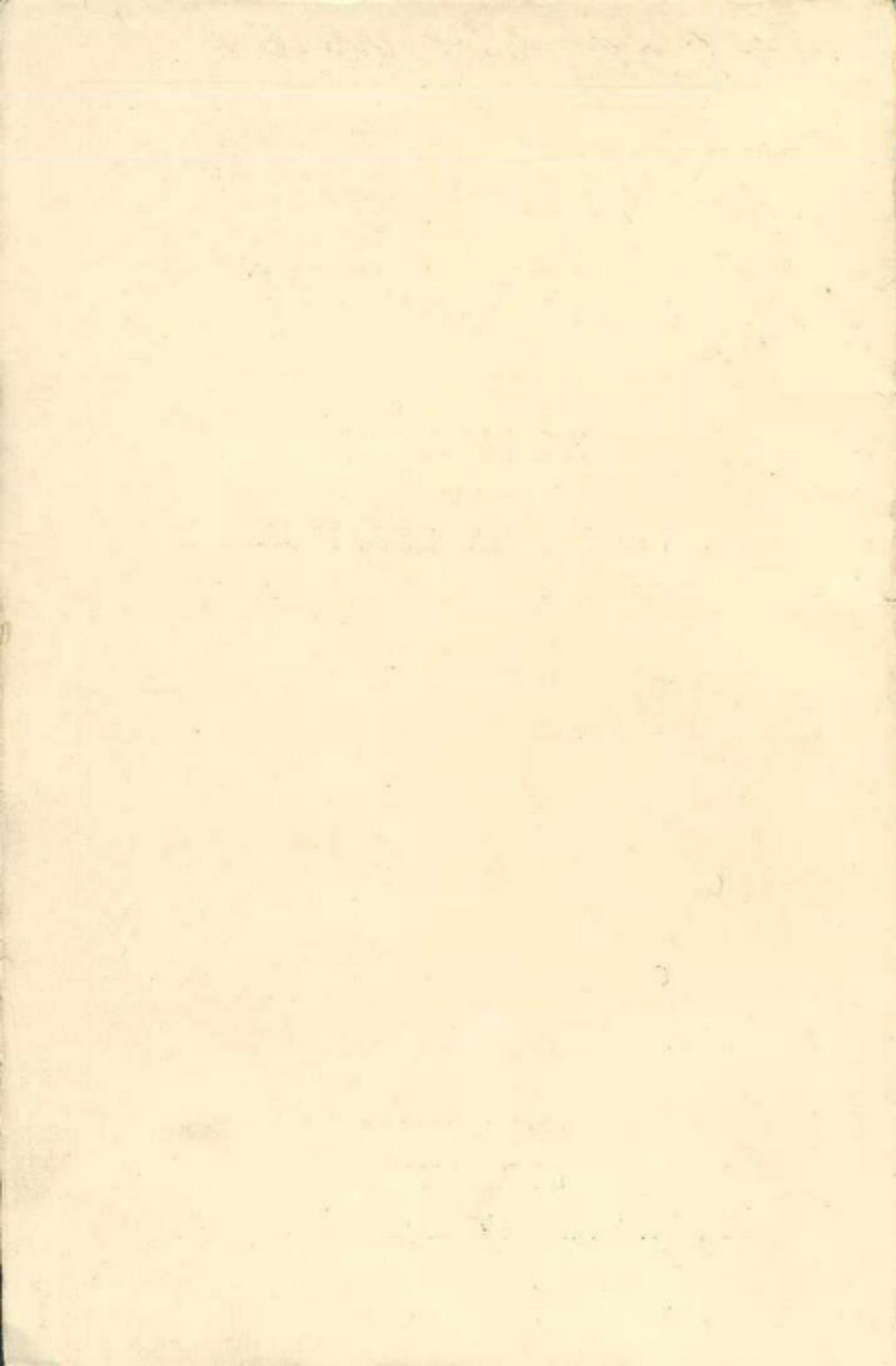
S VRO DE MÁGUAS
SÓROR SAUDADE

SONETOS
DE
FLORBELA ESPANCA

SEGUNDA EDIÇÃO

COIMBRA
MCMXXXI

DEPOSITARIA — LIVRARIA GONÇALVES — RUA S. JOÃO 60



848.28 v. 4 ell. 3 n. 3

DA AUTORA:

CHARNECA EM FLOR

LIVRO DE MÁGUAS

LIVRO DE SOROR SAUDADE

CARTAS
CONTOS

83
84
85
86

DA AUTORA:

CHARNECA EM FLOR

1.^a EDIÇÃO — Coimbra, Janeiro 1931.

2.^a EDIÇÃO — Coimbra, Abril 1931.

A SAIR:

CONTOS.

CARTAS.





Para el Festival de las
"Electrosónicas"
Marilyn Lopez

13
572314

LIVRO DE MÁGUAS

LIVRO
DE SOROR SAUDADE

Registada na Conservatória da Propriedade Literária.

Lisboa, 15 — 5 — 931.

SONETOS

LIVRO DE MÁGUAS
DE
FLORBELA ESPANCA

SEGUNDA EDIÇÃO



2.738

COIMBRA

MCMXXXI

LIVRARIA A. GONÇALVES

— RUA S. JOÃO, 60 —

23314
13

LIVRO DE MÁGICAS

LIVRO
DE SOROR SAUDADE

Registada na Conservatória da propriedade literaria.

Lisboa, 15 — 5 — 931.



1931
IMPRENSA NACIONAL
— de Jaime Vasconcelos —
204, Rua José Falcão, 206
— PORTO —

ESTE LIVRO...

LIVRO DE MÁGUAS

(1919)

Livro de Máguas ... Dores ... Ansiedades!
Livro de Sombras ... Névoas ... e Saudades!
Vai pelo mundo ... (Trouxe-o no meu seio ...)

Imães de Dor, as olhos rasos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágua,
Lendo o meu livro só de máguas cheio!...

Procuremos sómente a Beleza, que a vida
É um punhado infantil de areia resequida,
Um som d'água ou de bronze e uma sombra que passa...

EUGÉNIO DE CASTRO.

LIVRO DE MAGUAS

(1919)

Isolés dans l'amour ainsi qu'en un bois noir,
Nos deux cœurs, exalant leur tendresse paisible,
Seront deux rosignuols que chantent dans le soir.

VERLAINE.

IMPRESSA NACIONAL
de João Vaz
Rua José Paludo, 205
PORTO

ÊSTE LIVRO...

Êste livro é de máguas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
Sómente a vossa dôr de Torturados
Pode, talvez, senti-lo ... e compreendê-lo.

Êste livro é para vós, Abençoados
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
Bíblia de tristes ... Ó Desventurados,
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Máguas ... Dores ... Ansiedades!
Livro de Sombras ... Névoas ... e Saudades!
Vai pelo mundo ... (Trouve-o no meu seio ...)

Irmãos na Dor, os olhos razos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágua,
Lendo o meu livro só de máguas cheio!...

... VAIDADE

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguem cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
E quando mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho...
E não sou nada!...

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguem sonhou,
Alguem que veio ao mundo p'ra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

CASTELÃ DA TRISTESA

Altiva e couraçada de desdem,
Vivo sósinha em meu castelo: a Dor!
Passa por êle a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristesa, vês?... A quem?!...
— E o meu olhar é interrogador —
Prescruto, ao longe, as sombras do sol-por...
Chora o silencio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristesa, porque choras
Lendo, toda de branco, um livro de oras,
Á sombra rendilhada dos vitraes?...

Á noite, debruçada p'las ameias,
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
— E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!..

Sonhar um verso d'alto pensamento,
E puro como um ritmo d'oração!
— E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...!

São assim ôcos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!!

LÁGRIMAS OCULTAS

Se me ponho a scismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era qu'rida,
Parece-me que foi noutras esferas,
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste bôca dolorida
Que dantes tinha o rir das primaveras,
Esbate as linhas graves e severas
E cai num abandôno de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguem as vê brotar dentro da alma!
Ninguem as vê cair dentro de mim!

TORRE DE NÉVOA

Subi ao alto, à minha Torre esguia,
Feita de fumo, névoas e luar,
E puz-me, comovida, a conversar
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
Dos versos que são meus, do meu sonhar,
E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: «Que fantasia,

Creança doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...»

Calaram-se os poetas, tristemente...
E é desde então que eu choro amargamente
Na minha Torre esguia junto ao Céu!...

A MINHA DOR

A Você

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos teem dobres d'agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal...
E todos teem sons de funeral
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Ha lírios
Dum rôxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias reso e grito e choro.
E ninguem ouve... ninguem vê... ninguem...

DIZÊRES ÍNTIMOS

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de rôxo, como crentes
Do soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bébés doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso.
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: «Que linda a vida!...»
Responde a minha Dor: «Que linda a cova!»

AS MINHAS ILUSÕES

Hora sagrada dum entardecer
D'Outono, à beira mar, côm de safira.
Sôa no ar uma invisível lira...
O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster,
Numa dôr de revolta cheia de ira,
A doirada cabeça que delira
Num último suspiro, a estremecer.

O sol morreu... e veste luto o mar...
E eu vejo a urna d'oiro, a baloiçar,
Á flôr das ondas num lençol de espuma.

As minhas ilusões, dôce tesoiro,
Tambem as vi levar em urna d'oiro,
No Mar da Vida, assim... uma por uma...

NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!
Um sino dobra em mim, Avé Marias!
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Venesa...

O vento desgrenhado, chora e resa
Por alma dos que estão nas agonias!
E flocos de neve, aves brancas, frias,
Batem as azas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?!
Vento... tenho saudades! Mas de quê?!
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso!!...

PEQUENINA

Á MARIA HELENA FALCÃO RISQUES

És pequenina e ris... A bôca breve
É um pequeno idílio côm de rosa...
Haste de lírio frágil e mimosa!
Cofre de beijos feito sonho e neve!

Dôce quimera que a nossa alma deve
Ao Céu que assim te fez tão graciosa!
Que nesta vida amarga e tormentosa
Te fez nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente...
E cheira e sabe, a nossa bôca, a flores
Quando o teu nome diz, suavemente...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,
Que ela afaste de ti aquelas dores
Que fizeram de mim isto que sou!

A MAIOR TORTURA

A UM GRANDE POETA DE PORTUGAL

Na vida, para mim, não há deleite.
Ando a chorar convulsa noite e dia...
E não tenho uma sombra fugidia
Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilaz tenho que enfeite
A minha atroz, imensa, nostalgia!...
A minha pobre Mãe tão branca e fria
Deu-me a beber a Mágua no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo despresado,
A urze que se pisa sob os pés.
Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura inda é maior:
Não ser poeta assim como tu és
Para gritar num verso a minha Dor!...

A FLOR DO SONHO

A Flor do Sonho alvíssima, divina,
Miraculosamente abriu em mim,
Como se uma magnólia de setim
Fosse florir num muro todo em ruina.

Pende em meu seio a haste branda e fina
E não posso entender como é que, enfim,
Essa tão rara flor abriu assim!...
Milagre... fantasia... ou talvez, sina...

Ó Flor que em mim nascêste sem abrolhos,
Que tem que sejam tristes os meus olhos
Se eles são tristes pelo amor de ti?!...

Desde que em mim nascêste em noite calma,
Voou ao longe a aza da minh'alma
E nunca, nunca mais eu me entendi...

NOITE DE SAUDADE

A Noite vem poisando devagar
Sôbre a terra que inunda de amargura...
E nem sequer a benção do luar
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu oiço a Noite imensa soluçar!
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Porque és assim tão 'scura, assim tão triste?
É que, talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saudade igual à que eu contenho!

Saudade que eu não sei donde me vêm...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

ANGUSTIA

Tortura do pensar! Triste lamento!
Quem nos dera calar a tua voz!
Quem nos dera cá dentro, muito a sós,
Estrangular a hidra num momento!

E não se quer pensar!... E o pensamento
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
Qu'rer apagar no Céu—Ó sonho atroz!—
O brilho duma estrela, com o vento!...

E não se apaga, não... não se apaga.
Vem sempre rastejando como a vaga...
Vem sempre perguntando. «O que te resta?...»

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!
Ser pedaço de gelo, ser granito,
Ser rugido de tigre na floresta!

AMIGA

Deixa-me ser tua amiga, Amor;
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágua e dor
O que me importa a mim?! O que quiseses
É sempre um sonho bom! Seja o que for
Bendito sejas tu por m'ó dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho ...
Como se os dois nascessemos irmãos,
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho ...

Beija-mas bem! ... Que fantasia louca
Guardar assim, fechados, nestas mãos,
Os beijos que sonhei p'ra minha bôca! ...

DESEJOS VÃOS

Eu qu'ria ser o Mar de altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa!
Eu qu'ria ser a pedra que não pensa,
A Pedra do caminho, rude e forte!

Eu qu'ria ser o Sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu qu'ria ser a árvore tôsca e densa
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...
As árvores também, como quem resa,
Abrem, aos Céus, os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim dum dia,
Tem lágrimas de sangue na agonia!
E as Pedras... essas... pisa-as toda a gente!...

PEOR VELHICE

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer
Dum riso são andou na minha bôca!
Gritando que me acudam, em voz rouca,
Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida que ao nascer enfeita e touca
D'alvas rosas, a fronte da mulher,
Na minha fronte mística de louca
Martírios só poisou a emurcheçar!

E dizem que sou nova... A mocidade
Estará só, então, na nossa idade,
Ou está em nós e em nosso peito mora?!...

Tenho a peor velhice, a que é mais triste,
Aquele onde nem sequer existe
Lembrança de ter sido nova... outrora.

A UM LIVRO

No silencio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste.
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A êsse livro de máguas que me deste.

Extranho livro aquele que escreveste,
Artista da saudade e do sofrer!
Extranho livro aquele em que puzeste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o e folheio, assim, toda a minh'alma!
O livro que me deste é meu psalma
As orações que choro e rio e canto!...

Poeta igual a mim, ai quem me dera
Dizer o que tu dizes... Quem soubera
Velar a minha Dor dêsse teu manto!...

ALMA PERDIDA

Toda esta noite o rouxinol chorou,
Gemeu, resou, gritou perdidamente!
Alma de rouxinol, alma de gente,
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,
Que se fundiu na Dor, suavemente . . .
Talvez sejas a alma, alma doente
D'alguem que quis amar e nunca amou!

Toda a noite choraste . . . e eu chorei
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,
Que eu pensei que tu eras a minh'alma
Que chorasse perdida em tua voz! . . .

DE JOELHOS

«Bendita seja a Mãe que te gerou».
Bendito o leite que te fez crescer.
Bendito o berço aonde te embalou
A tua ama, p'ra te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou
Da tua vida o doce alvorecer.
Bendita seja a lua que inundou
De luz, a terra, só para te ver...

Benditos sejam todos que te amarem,
As que em volta de ti ajoelharem,
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguem, bendita seja essa Mulher,
Bendito seja o beijo dessa bôca!!

LANGUIDEZ

Tardes da minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza d'açucenas,
Tardes de sonho, as tardes de novenas,
Tardes de Portugal, as tardes d'Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...
Horas benditas, leves como penas,
Horas de fumo e cinza, horas serenas,
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quási pretas,
Que poisam sôbre duas violetas,
Azas leves cançadas de voar...

E a minha bôca tem uns beijos mudos...
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,
Traçam gestos de sonho pelo ar...

PARA QUÊ?

Tudo é vaidade neste mundo vão...
Tudo é tristeza; Tudo é pó, é nada!
E mal desponta em nós a madrugada,
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção
Que o nosso peito ri à gargalhada,
Flor que é nascida e logo desfolhada,
Pétalas que se pisam pelo chão!...

Beijos d'amor! P'ra que?! ... Tristes vaidades!
Sonhos que logo são realidades,
Que nos deixam a alma como morta!

Só acredita neles quem é louca!
Beijos d'amor que vão de boca em boca,
Como pobres que vão de porta em porta! ..

AO VENTO

O vento passa a rir, torna a passar,
Em gargalhadas asp'ras de demente;
E esta minh'alma trágica e doente
Não sabe se há de rir, se há de chorar!

Vento de voz tristonha, voz plangente,
Vento que ris de mim, sempre a troçar,
Vento que ris do mundo e do amar,
A tua voz tortura toda a gente!...

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!
Desabafa essa dor a sós comigo,
E não rias assim!... Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, êsse fadário:
Do nosso peito ser como um calvário,
E a gente andar a rir p'la vida fora!!...

TÉDIO

Passo pálida e triste. Oiço dizer
«Que branca que ela é! Parece morta!»
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!
— O que é que isso me faz?... O que me importa?...
O frio que trago dentro gela e corta
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que isso me importa?! Essa tristeza
É menos dor intensa que friesa,
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...
O mesmo lago plácido, dormente...
E os dias, sempre os mesmos, a correr...

MINHA TRAGÉDIA

Tenho ódio à luz e raiva à claridade
Do sol, alegre, quente, na subida.
Parece que a minh'alma é perseguida
Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade
Trazes-me embriagada, entontecida!...
Duns beijos que me deste, noutra vida,
Trago em meus labios rôxos, a saudade!...

Eu não gosto do sol, eu tenho mêdo
Que me leiam nos olhos o segrêdo
De não amar ninguem, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,
Como esta extranha e doida borboleta
Que eu sinto sempre a voltejar em mim!...

SEM REMÉDIO

Aqueles que me teem muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou...
Não sabem que passou, um dia, a Dor,
Á minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto êste pavor,
Êste frio que anda em mim, e que gelou
O que de bom me deu Nosso Senhor!
Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágua, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar!...

MAIS TRISTE

É triste, diz a gente, a vastidão
Do Mar imenso! E aquela voz fatal
Com que êle fala, agita o nosso mal!
E a Noite é triste como a Extrema Unção!

É triste e dilacera o coração
Um poente do nosso Portugal!
E não vêem que eu sou... eu... afinal,
A coisa mais maguada das que o são?!..!

Poentes d'agonia trago-os eu
Dentro de mim e tudo quanto é meu
É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, toda essa água
Trago-a dentro de mim num Mar de Mágua!
E a Noite sou eu própria! A Noite escura!!

VELHINHA

Se os que me viram já cheia de graça
Olharem bem de frente para mim,
Talvez, cheios de dor, digam assim:
«Já ela é velha! Como o tempo passa! . . .»

Não sei rir e cantar por mais que faça!
Ó minhas mãos talhadas em marfim,
Deixem êsse fio d'oiro que esvoaça!
Deixem correr a vida até ao fim!

Tenho vinte e três anos! Sou velhinha!
Tenho cabelos brancos e sou crente . . .
Já murmuro orações . . . falo sòsinha . . .

E o bando côm de rosa dos carinhos
Que tu me fazes, olho-os indulgente,
Como se fôsse um bando de nêtinhos . . .

EM BUSCA DO AMOR

O meu Destino disse-me a chorar:
«Pela estrada da Vida vai andando;
E, aos que vires passar, interrogando
Acêrca do Amor que has de encontrar.»

Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sônhô desafiando...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um velho eu perguntei: «Velhinho,
Viste o Amor acaso em teu caminho?»
E o velho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cançados
Voltam todos p'ra trás, desanimados...
E eu paro a murmurar: «Ninguem o viu!...»

IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:
«Parece Sexta-Feira da Paixão.
Sempre a scismar, scismar, d'olhos no chão,
Sempre a pensar na dor que não existe...

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!
Faça por 'star contente! Pois então?!...»
Quando se sofre o que se diz é vão...
Meu coração, tudo, calado ouviste...

Os meus males ninguém mos adivinha...
A minha Dor não fala, anda sòsinha...
Disseste ela o que sente! Ai quem me dera!...

Os males d'Anto toda a gente os sabe!
Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe
Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

SÓROR SAUDADE

Imã, Sórora Saudade, ah! se eu pudesse
Tocar de asquicho a nossa vida,
Fazer do Mundo a Terra Prometida
Que ainda em sonho de vezes me aparece!

Imã, Sórora Saudade me chamaste...

Essa criatura o nome luminoso

Como um vitral no sol, como se fosse

A

LIVRO DE SÓROR SAUDADE

(1923)

Il n'a pas à se plaindre, celui qui plus ardent et plus généreux. Il n'a pas à se plaindre, celui qui attend le désir d'un peu plus de bonheur, d'un peu plus de beauté, d'un peu plus de justice, d'un peu plus de...

Com de bem mais um...

MARTINS - In Sogasse et la Destinée.

E batinhão na alma de minh'alma,
Como hencão de sol que não se acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo
Que tu me deste: « Imã, Sórora Saudade »

IMPOSSIVEL

Irmã, Sórora Saudade, ah! se eu pudesse
 Tocar de aspiração a nossa vida,
 Fazer do Mundo a Terra Prometida
 Que ainda em sonho ás vezes me aparece!

AMÉRICO DURÃO.

(1923)

Il n'a pas à se plaindre celui qui attend un sentiment plus ardent et plus généreux. Il n'a pas à se plaindre celui qui attend le désir d'un peu plus de bonheur, d'un peu plus de beauté, d'un peu plus de justice.

MAETERLINCK — *La Sagesse et la Destinée.*

SÓROR SAUDADE

D. A. A.

A AMÉRICO DURÃO

Irmã, Sórora Saudade me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fôsse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de outono o murmuraste;
Toda a mágua do outono êle me trouxe;
Jámais me hão de chamar outro mais dôce:
Com êle bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma de minh'alma,
Como benção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras dêsse nome lindo
Que tu me deste: « Irmã, Sórora Saudade » ...

O NOSSO LIVRO

A A. G.

Livro do meu amor, do teu amor,
Livro do nosso amor, do nosso peito. . . .
Abre-lhe as folhas devagar, com geito,
Como se fossem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compôr
Mais santamente triste, mais perfeito.
Não esfolhes os lírios com que é feito
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!
Num sorriso tu dizes e digo eu:
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente
Dirá, fechando o livro dôcemente:
«Versos só nossos, só de nós os dois! . . . »

O QUE TU ÉS

És Aquela que tudo te entristece,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquela a quem a Mágua chamou filha;
A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece,
A que nem sabe a estrada que ora trilha,
Que nem um lindo amor de maravilha
Sequer deslumbra, e ilumina e aquece!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,
A rastejar no chão, como as mendigas,
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve primavera...
Ah! Não seres como as outras raparigas
Ó Princeza Encantada da Quimera!...

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

«Tudo no mundo é frágil, tudo passa!...»
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma bôca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros
«Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...»

ALENTEJANO

Á BUJA

Deu agora meio dia; o sol é quente
Beijando a urze triste dos outeiros.
Nas ravinas do monte andam ceifeiros
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas brandamente,
Brilham os olhos negros, feiticeiros;
E há perfis delicados e trigueiros
Entre as altas espigas d'oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais
A cabeleira loira dos trigais
Sob a benção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...
E eu sou uma daquelas raparigas...
E tu passas e dizes: «Salve-os Deus!»



FUMO

Longe de ti são ermos os caminhos,
Longe de ti não há luar nem rosas,
Longe de ti há noites silenciosas,
Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois velhos pobresinhos
Perdidos pelas noites invernosas...
Abertos, sonham mãos cariciosas,
Tuas mãos dôces, plenas de carinhos!

Os dias são outônos: choram... choram...
Há crisântemos rôxos que descoram...
Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!
E êle é, ó meu Amor, pelos espaços,
Fumo leve que foge entre os meus dedos!...

QUE IMPORTA?

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
Nunca sentira em mim o coração
Bater em violencias de paixão,
Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,
Sem sombra de desejo ou de emoção,
Enquanto as azas loiras da ilusão
Abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte;
Como nascida em carinhoso monte,
Toda ela é riso e é frescura e graça!

Nela refresca a bôca um só instante...
Que importa?... Se o cançado viandante
Bebe em todas as fontes... quando passa?...

MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera
Não me lembrar! Em tardes dolorosas
Eu lembro-me que fui a primavera
Que em muros velhos fez nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas,
Pairavam como pombas... Quem soubera
Porque tudo passou e foi quimera,
E porque os muros velhos não dão rosas!

São sempre os que eu recordo que me esquecem...
Mas digo para mim: «não me merecem...»
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobresinha:
Que também é orgulho ser sòsinha,
E também é nobreza não ter nada!

OS VERSOS QUE TE FIZ

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha bôca tem p'ra te dizer!
São talhados em mármore de Paros
Cinzelados por mim p'ra te oferecer.

Tem dolencias de veludos caros,
São como sedas pálidas a arder...
Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que foram feitos p'ra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não t'os digo ainda...
Que a bôca da mulher é sempre linda
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
E nesse beijo, Amor, que te não dei
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

OS VERSOS DE FRIEZA

Os teus olhos são frios como as espadas,
E claros como os trágicos punhais;
Teem brilhos cortantes de metais
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo neles imagens retratadas
De abandonos crueis e desleais,
Fantásticos desejos irreais,
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,
Que viver neste mundo sem amar
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!
E quanta vez dirás a soluçar:
«Ah! Quem me dera, Irmã, amar assim!...»

O MEU MAL

A MEU IRMÃO

Eu tenho lido em mim, sei-me de cór,
Eu sei o nome ao meu estranho mal:
Eu sei que fui a renda dum vitral,
Que fui cipreste e caravela e dor!

Fui tudo que no mundo há de maior;
Fui cisne e lírio e águia e catedral!
E fui, talvez, um verso de Nerval,
Ou um cínico riso de Chamfort. . .

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,
Deram as minhas mãos arôma aos nardos. . .
Deu côr ao eloendro a minha bôca. . .

Ah! De Boabdil fui lágrima na Hespanha!
E foi de lá que eu trouxe esta ância estranha!
Mágua não sei de quê! Saudade louca!

A NOITE DESCE

A MEU AMOR

Como pálpebras rôxas que tombassem
Sôbre uns olhos cançados, carinhosas,
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me embalassem!
Assim me adormecessem, caridosas,
E em braçadas de lírios e mimosas,
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...
Perfume de baunilha ou de lilaz,
A noite põe-me embriagada, louca!

E a noite vai descendo muda e calma...
Meu doce Amor, tu beijas a minh'alma
Beijando nesta hora a minha bôca!

CARAVELAS

Cheguei a meio da vida já cançada
De tanto caminhar! Já me perdi!
Dum estranho paiz que nunca vi
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.
E as torres de marfim que construí
Em trágica loucura as destruí
Por minhas próprias mãos de malfadada

Se eu sempre fui assim êste Mar Môrto:
Mar sem marés, sem vagas e sem pôrto
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...
Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei à vida e não voltaram!...

INCONSTANCIA

Procurei o amor, que me mentiu.
Pedi à Vida mais do que ela dava;
Eterna sonhadora edificava
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,
E tanto beijo a bôca me queimava!
E era o sol que os longes deslumbrava.
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...
Atrás do sol dum dia outro a aquecer
As brumas dos atalhos por onde ando...

E êste amor que assim me vai fugindo
É igual a outro amor que vai surgindo,
Que há de partir tambem... nem eu sei quando...

O NOSSO MUNDO

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos
Como um divino vinho de Falerno!
Poisando em ti o meu olhar eterno
Como poisam as folhas sôbre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...
O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...
E a Vida já não é o rubro inferno
Todo fantasmas tristes e presagos!

A Vida, meu Amor, quero vivê-la!
Na mesma taça erguida em tuas mãos,
Bôcas unidas hêmos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...
O mundo, Amor!... As nossas bôcas juntas!...

PRINCE CHARMANT...

A RAUL PROENÇA

No lânguido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-O no meio de toda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas!

Ó noites da minh'alma tenebrosas!
Bôcas sangrando beijos, flor que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei! ... Prince Charmant...
Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Em toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
— Nunca se encontra Aquele que se espera!... —

ANOITECER

A luz desmaia num fulgor d'aurora,
Diz-nos adeus religiosamente...
E eu que não creio em nada, sou mais crente
Do que em menina, um dia, o fui... outr'ora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora,
Tenho bençãos d'amor p'ra toda a gente!
E a minha alma sombria e penitente
Soluça no infinito desta hora...

Horas tristes que são o meu rosário...
Ó minha cruz de tão pesado lenho!
Ó meu áspero e intérmino Calvário!

E a esta hora tudo em mim revive:
Saudades de saudades que não tenho...
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

ESFINGE

Sou filha da charneca erma e selvagem:
Os giestais, por entre os rosmaninhos,
Abrindo os olhos d'oiro, p'los caminhos,
Desta minh'alma ardente são a imagem.

E anciosa desejo — ó vã miragem —
Que tu e eu, em beijos e carinhos,
Eu a Charneca, e tu o Sol, sòsinhos,
Fôsemos um pedaço da paisagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade,
Ouviria da bôca do luar
O *De Profundis* triste da saudade. . .

E, à tua espera, enquanto o mundo dorme,
Ficaria, olhos quietos, a scismar. . .
Esfinge olhando, na planície enorme. . .

TARDE DEMAIS

Quando chegaste enfim, para te ver
Abriu-se a noite em mágico luar;
E p'ra o som de teus passos conhecer
Pôs-se o silêncio, em volta, a escutar...

Chegaste, enfim! Milagre de endoidar!
Viu-se nessa hora o que não pode ser:
Em plena noite, a noite iluminar
E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia d'ouro dos desertos
Procurara-te em vão! Braços abertos,
Pés nus, olhos a rir, a bôca em flor!

E há cem anos que eu era nova e linda!
E a minha bôca morta grita ainda:
Porque chegaste tarde, ó meu Amor?!

CINZENTO

Poeiras de crepúsculos cinzentos.
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços,
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,
Devagarinho, em misteriosos passos...
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...
Hora em que a tua bôca me beijou...
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

NOTURNO

Amor! Anda o luar, todo bondade,
Beijando a terra, a desfazer-se em luz . . .
Amor! São os pés brancos de Jesus
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar . . . Quanta saudade
Das ilusões e risos que em ti puz!
Traçaste em mim os braços duma cruz,
Neles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de máguas,
É nesta noite o nenufar dum lago
Estendendo as azas brancas sôbre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,
Fecha-os num beijo dolorido e vago . . .
E deixa-me chorar devagarinho . . .

MARIA DAS QUIMERAS

Maria das Quimeras me chamou
Alguem... Pelos castelos que eu ergui,
P'las flores d'oiro e azul que a sol tecí
Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;
Com elas na minh'alma adormeci.
Mas, quando despertei, nem uma vi,
Que da minh'alma, Alguem, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste
Ás flores d'oiro e azul que a sol bordaste,
Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...
Aonde estão os beijos que sonhaste,
Maria das Quimeras, sem quimeras?

SAUDADES

Saudades! Sim... talvez... e porque não?...
Se o nosso sonho foi tão alto e forte
Que bem pensara vê-lo até à morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importe.
Se êle deixou beleza que conforte
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar,
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fôsse sempre assim:
Quanto menos quizesse recordar
Mais a saudade andasse presa a mim!

MARIA DAS RUINAS

Se é sempre outono o rir das primaveras,
Castelos, um a um, deixa-os cair...
Que a vida é um constante derruir
De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sôbre as ruínas crescer heras,
Deixa-as beijar as pedras e florir!
Que a vida é um contínuo destruir
De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!
Tenho ainda mais sonhos para erguê-los
Mais alto do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!
São como os beijos duma linda bôca!
Sonhos!... Deixa-os tombar... deixa-os tombar...

CREPÚSCULO

A AURORA A

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes
Borboletas de sol, de azas maguadas,
Poisam nos meus, suaves e cançadas,
Como em dois lírios rôxos e dolentes...

E os lírios fecham... Meu amor não sentes?
Minha bôca tem rosas desmaiadas,
E as minhas pobres mãos são maceradas
Como vagas saudades de doentes...

O Silêncio abre as mãos... entorna rosas...
Andam no ar carícias vaporosas
Como pálidas sedas, arrastando...

E a tua bôca rubra ao pé da minha
É na suavidade da tardinha
Um coração ardente, palpitando...

ÓDIO?

Á AURORA ABOIM

Ódio por êle? Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quiz no meu passado,
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se à vida assim roubei todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto
Turva o meu triste olhar, marmorizado,
Olhar de monja, trágico, gelado
Como um soturno e enorme Campo Santo!

Ah! Nunca mais ama-lo é já bastante!
Quero senti-lo d'outra, bem distante,
Como se fôra meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saudade infinda,
Mágua de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por êle? Não... não vale a pena...

RENUNCIA

A minha mocidade outr'ora eu puz
No tranquilo convento da Tristeza;
Lá passa dias, noites, sempre presa,
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Lua, Satanaz, seduz!
Desdobra-se em requintes de Beleza...
É como um beijo ardente a Natureza...
A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!
Empalidece mais! E, resignada,
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!
Enche a bôca de cinzas e de terra,
Ó minha mocidade toda em flor!

RENUNCIA
A VIDA

É vão o amor, o ódio, ou o desdem;
Inútil o desejo e o sentimento...
Lançar um grande amor aos pés d'alguem
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo um «Pedro Sem»,
Uma alegria é feita dum tormento,
Um riso é sempre um eco dum tormento,
Sabe-se lá um beijo d'onde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...
Uma saudade morta em nós renasce
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia.
A gente esquece sempre um bem dum dia.
Que queres, meu Amor, se é isto a vida!...

HORAS RUBRAS

Horas profundas, lentas e caladas
Feitas de beijos sensuais e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde há risos de vírgens desmaiadas

Oiço as olaias rindo desgrenhadas ...
Tombam astros em fogo, astros dementes,
E do luar os beijos languescentes
São pedaços de prata p'las estradas

Os meus lábios são brancos como lagos ...
Os meus braços são leves como afagos,
Vestiu-os o luar de sedas puras ...

Sou chama e neve branca e misteriosa ...
E sou, talvez, na noite voluptuosa,
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

HORAS RUBRAS
SUAVIDADE

Poisa a tua cabeça dolorida
Tão cheia de quimeras, de ideal,
Sôbre o regaço brando e maternal
Da tua doce Irmã compadecida.

Has de contar-me nessa voz tão qu'rida
A tua dor que julgas sem igual,
E eu, p'ra te consolar, direi o mal
Que à minha alma profunda fez a Vida.

E has de adormecer nos meus joelhos ...
E os meus dedos enrugados, velhos,
Hão de fazer-se leves e suaves ...

Hão de poisar-se num fervor de crente,
Rosas brancas tombando docemente,
Sôbre o teu rosto, como penas d'aves ...

PRINCESA DESALENTO

Minh'alma é a Princesa Desalento,
Como um Poeta lhe chamou, um dia.
É maguada e pálida e sombria,
Como soluços trágicos do vento!

É frágil como o sonho dum momento;
Soturna como preces de agonia,
Vive do riso duma bôca fria:
Minh'alma é a Princesa Desalento ...

Altas horas da noite ela vagueia ...
E ao luar suavíssimo, que aneia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra duma cruz à tua porta ...

SOMBRA

De olheiras rôxas, rôxas, quâsi pretas,
De olhos límpidos, doces, languescentes,
Lagos em calma, pálidos, dormentes
Onde se debruçassem violetas ...

De mãos esguias, finas hastes quietas,
Que o vento não baloiça em noites quentes ...
Noturno de Chopin ... risos dolentes ...
Versos tristes em sonhos de Poetas ...

Beijo doce de aromas perturbantes ...
Rosal bendito que dá rosas ... Dantes
Esta era Eu e Eu era a Idolatrada! ...

Oh! tanta cinza morta ... o vento a leve!
Vou sendo agora em ti a sombra leve
D'alguem que dobra a curva duma estrada ...

HORA QUE PASSA

Vejo-me triste, abandonada e só
Bem como um cão sem dono e que o procura,
Mais pobre e desprezada do que Job
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!
Minh'alma triste, dolorida e escura,
Minh'alma sem amor é cinza e pó,
Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito! ...
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre ...
O instante que foge, vôa, e passa ...
Fiosinho d'água triste ... a vida corre ...

DA MINHA JANELA

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas
Num soluçar aflito e murmurado . . .
Vôo de gaivotas, leve, imaculado,
Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, azas já feridas,
Batendo ainda num arfar pausado . . .
Ó meu doce poente torturado
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,
'Inda não és clarão já és luar
Como um branco lilaz que se desfaça!

Amor! Teu coração trago-o no peito . . .
Pulsa dentro de mim como êste mar
Num beijo eterno, assim, nunca desfeito! . . .

EXALTAÇÃO
SOL POENTE

Tardinha . . . «Ave Maria, Mãe de Deus . . .»
E reza a voz dos sinos e das noras . . .
O sol que morre tem clarões d'auroras,
Águia que bate as azas pelos céus!

Horas que têm a côr dos olhos teus . . .
Horas evocadoras d'outras horas . . .
Lembranças de fantásticos outroras,
De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saudades, p'las estradas,
Inclinam as cabeças mart'risadas
E ficam pensativas . . . meditando . . .

Morrem verbenas silenciosamente . . .
E o rubro sol da tua bôca ardente
Vai-me a pálida bôca desfolhando . . .

EXALTAÇÃO

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer
Ao céu os corações a palpitar!
Deus fez os nossos braços p'ra prender,
E a bôca fez-se sangue p'ra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto, a arder!...
Azas sempre perdidas a pairar,
Mais alto para as estrelas desprender!...
A glória!... A fama!... O orgulho de crear!...

Da vida tenho o mel e tenho os travos
No lago dos meus olhos de violetas,
Nos meus beijos extáticos, pagãos!...

Trago na bôca o coração dos cravos!
Boémios, vagabundos, e poetas:
— Como eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!...

Io son colui che va pel mondo errante
e nella vita mai trovo un istante
del sogno e della Sorte sua cartella,
la triste crocifissa dolorante.

TRADUÇÕES

Qual neve inerte, un angelo
che un triste suo destino s'aspetta
di spingere alla Morte, io sono quello
che non comprendo seppur mi sono tentato.

Io son colui che passo e non mi vede,
son quello che partiro e poi non è,
che piango il suo arbor seppur lo trovo.

Son forse la visione che non trovo
d'un che viene al mondo e non va,
e nella vita sua non si muove.

IO

IL MIO DESTINO

Io son colei che va pe'l mondo errante
e nella vita mai trovò sua stella,
del Sogno e della Sorte son sorella,
la triste crocifissa dolorante.

Qual lieve ombra di nebbia vaporante
che un triste suo destino s'arrovella
di spingere alla Morte, io sono quella
che niun comprender seppe un solo istante.

Io son colei che passa e che niun vede,
son quella che par triste e poi non è,
che piange il suo dolor senza un perchè.

Son forse la vision che alcun sognò,
d'alcun che venne al mondo a veder me
e nella vita mai non m'incontrò.



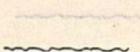
IQ
IL MIO DESTINO

A me fu detto un giorno dal Destino:
batti le strade della vita e chiedi
a quanti incontrerai sul tuo cammino
se quell' amor che brami hai da trovar.

Scesi cantando al vento del mattino,
sfidai nubi e tempeste, ad ogni porta
bussando invano, a mo' di pellegrino,
ma traccia del mio amor niun seppe dar!

Ne chiesi a un vecchio: orsú, dimmi, vecchino,
Amor vedesti? Sorpreso ei mi guardò,
scosse ridendo il capo e via passò.

Ne chiesi a tutti, e fu dimanda vana,
vana richiesta che mi scoraggiò.
ne la vita l'Amor niuno incontrò.



O JORNAL TRISTEZZA

Ho l'anima ripiena di tristezza,
rintocca nel mio cuor l'Ave Maria,
la pioggia batte ai vetri e vi ricama
trine leggere di malinconia.

Piange il vento ululando e pare il grido
d'un'anima che pena in agonia;
di neve i fiocchi volano per l'aria
migranti uccelli in ciel di fantasia,

Tanta tristezza, pioggia, ma di che?
Tanta passione, vento, ma perchè?
Crudel destino, neve, ci toccò.

O pioggia, o vento, o neve, che tristezza!
Ditela al mondo intero l'amarezza,
Dite voi ciò ch'io sento e dir non sò.



IL CANTO DEL ROSIGNUOLO

Tutta la notte il rosignuolo cantò
la sua passione, disperatamente,
e quasi fosse l'eco d'una gente
che in quella voce il suo dolor sfogò.

Fors'era un sogno che nel ciel sfumò
e in doglia si converse blandamente,
fors'era il pianto e l'anima dolente
d'alcun che chiese amore e nol trovò.

L'intera notte pianse, io lacrimai
perchè in quel canto amaro e disperato
l'atroce mio destino indovinai.

E in quegli accenti che de l'angosciato
mio tormento parevano la voce
il pianto del mio cuore ravvisai.



SERA ALENTEJANA

O sere di mia terrá, o dolce incantó,
d'un vago albor di giglio illuminate,
sere di sogno, sere di novene,
sere di Portogallo idolatrate,

come v'adoro e v'amo! Ecco ch'io sento
battere l'ore come lievi pene,
ore di pace e d'un dolore santo,
ore di fumo e cenere, serene...

Le palpebre languenti, affaticate
lievi si chiudon su l'azzurre viole,
com'ali bianche stanche di volare,

E su la bocca posan baci muti,
mentre le mani sembran carezzare
dell'ombra folta i pallidi velluti.



IL CANARO
AMICA TRISTE

Lascia ch'io sia la tua amica, Amore,
solo l'amica, se non vuoi ch'io sia
delle tue amanti tutte la migliore

e la più triste. Pena ed agonia
che importa, Amor, se poi da te ne viene?
Benedetto ti dirà la voce mia...

É sempre un sogno buono quel tuo bene,
anche se in pianto dal perduto e vano
sogno mi dèsti a rinnovar mie pene.

Su, baciarmi le mani, ma pian piano,
come, se nati nello stesso nido,
noi fossimo fratelli un dì lontano.

Baciarmi forte... O pazza fantasia,
guardar così dentro le mani chiuse
i baci ch'io sognai qui in bocca mia!

GIOVINEZZA INUTILE

Son vecchia e triste. D'un sorriso l'alba
su la mia bocca mai vidi apparir,
gridando aiuto con la voce spenta,
naufraga della vita, vo'a morir.

La Vita che sul fronte a le fanciulle
di bianche rose un serto suole ordir,
su la mia fronte mistica di pazza
il fior di morte pose a imputridir.

Giovine ancora, se la giovinezza
fosse soltanto ne la nostra età
nè il cuore avessi colmo d'amarezza,

triste vecchiaia il mio destin mi dà,
quella in cui neppur resta il ricordo
d'essere stata bella in altra età.

IL MIO SEGRETO

Non amo il sol, ho una paura folle
 che legganmi ne gli occhi mio segreto,
 di non amar nessun, d'esser così...

Amo la notte immensa e misteriosa,
 al par della farfalla, che notturna
 mi sento volteggiare in petto, qui.

GUIDO BATTELLI.

INDICE

LIVRO DE MÁGUAS

	Pág.		Pág.
Este livro	7	Amiga	23
Vaidade	8	Desejos vão	24
Eu	9	Peor velhice	25
Castelã da tristeza	10	A um livro	26
Tortura	11	Alma perdida	27
Lágrimas ocultas	12	De joelhos	28
Torre de névoa	13	Languidez	29
A minha dor	14	Para quê?	30
Dizêres íntimos	15	Ao vento	31
As minhas ilusões	16	Tédio	32
Neurastenia	17	Minha tragédia	33
Pequenina	18	Sem remédio	34
A maior tortura	19	Mais triste	35
A flor do sonho	20	Velhinha	36
Noite de saudade	21	Em busca do Amor	37
Angustia	22	Impossível	38

LIVRO DE SÓROR SAUDADE

	Pág.		Pág.
Sóror Saudade	41	Que importa?	47
O nosso livro	42	Meu orgulho	48
O que tu és	43	Os versos que te fiz	49
Fanatismo	44	Frieza	50
Alentejano	45	O meu mal	51
Fumo	46	A noite desce	52

	Pág.		Pág.
Caravelas	53	Crepúsculo	65
Inconstancia	54	Ódio ?	66
O nosso mundo	55	Renuncia	67
Prince Charmant...	56	A vida	68
Anoitecer	57	Horas Rubras	69
Esfinge	58	Suavidade	70
Tarde demais	59	Princesa desalento	71
Cinzento	60	Sombra	72
Noturno	61	Hora que passa	73
Maria das Quimeras	62	Da minha janela.	74
Saudades	63	Sol poente	75
Ruínas	64	Exaltação	76

TRADUÇÕES

	Pág.		Pág.
Io	79	Sera alentejana	83
Il mio destino	80	Amica triste	84
Tristezza	81	Giovinezza inutile	85
Il canto del rosignuolo.	82	Il mio segreto	86



